3

A DINÂMICA DO SETOR VIVEIRISTA

Com apoio na abordagem histórica apresentada, reconhecemos as sucessivas inovações técnicas e científicas que configuraram o setor viveirista brasileiro ao longo do tempo.

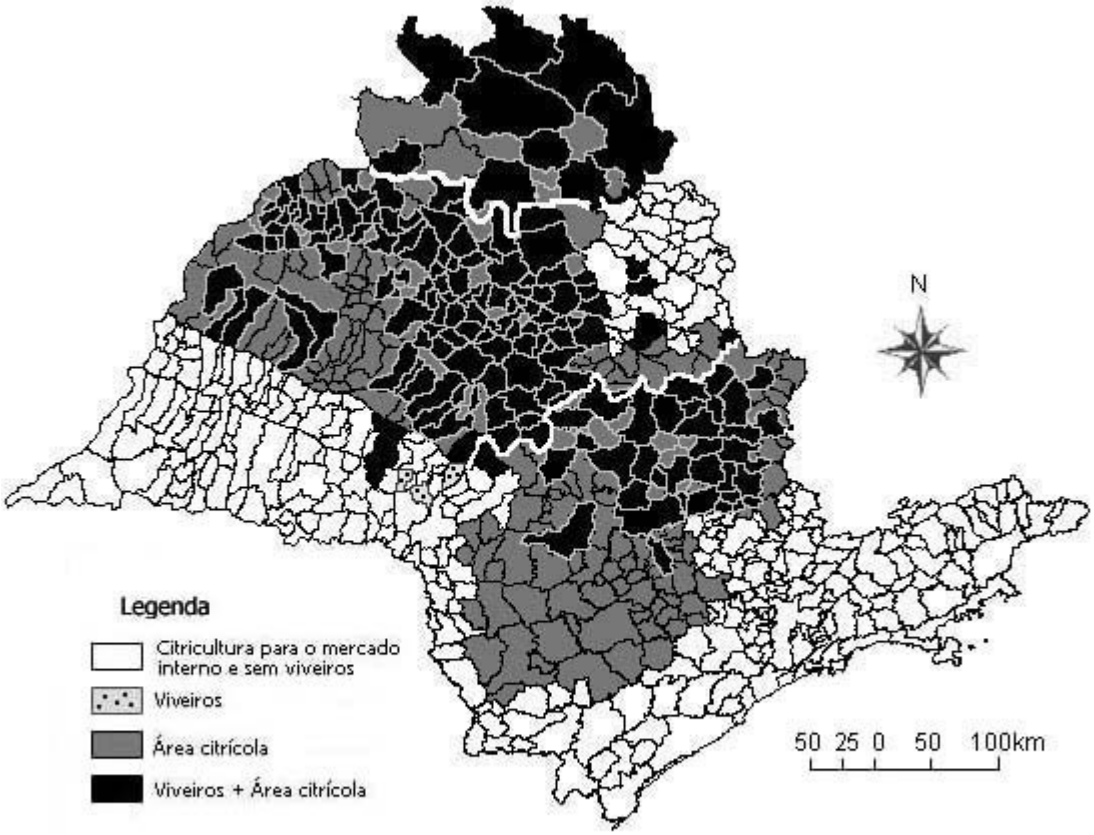
Para compreender a modernidade atual deste setor consideramos três regiões: o Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais e, no Estado de São Paulo, duas grandes regiões[18] Norte-Noroeste (NNO) e Sul-Sudoeste (SSO), de características edofo-climáticas condicionando manejo diferenciado na cultura de citros e que podem ser geograficamente delimitados pela Linha do Front de Cuesta Paulista, (ALMEIDA, 1974 p.20) (Figura 1). Outro critério adotado foi a técnica de produção de mudas de citros em viveiro a céu aberto e em ambiente telado.

Estudo desenvolvido por OLIVETTE et al. (2003) apresenta as alterações nas áreas de cultivo das principais atividades agrícolas e propicia um entendimento do dinamismo do setor citrícola no Estado de São Paulo, entre 1990 e 2001. Os autores levaram em consideração a regionalização da Secretaria de Agricultura e Abastecimento que agrupa os municípios em 40 Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs)[19].

Como cultura comercial, a laranja vinha oferecendo ganhos financeiros a seus produtores, novos pomares foram sendo formados ocupando terras de outras culturas em regiões que, em décadas anteriores, tinham menos tradição no cultivo de citros (Figura 1).

[18] Encontra-se no Anexo 1 os municípios que compõem as regiões estudadas.

Figura 1 - Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro (MG). Localização de Viveiros de Citros e Área Citrícola, Segundo os Municípios de Ocorrência 2001/02



Elaboração: Celma da Silva Lago Baptistella e Paulo José Coelho
Fonte: Fundo de Defesa da Citricultura e dados básicos da pesquisa de campo.

[19] Esses 40 EDRs agregam os 645 municípios paulistas para fins administrativos. Não apresentamos as alterações ocorridas no setor agrícola do Triângulo Mineiro (MG) por não localizarmos nenhum estudo desta natureza.

Segundo esses mesmos autores, a cultura da laranja incorporou área, entre 1990 e 2001, nas EDRs de Araraquara, Assis, Avaré, Bauru, Botucatu, Guaratingueta, Itapetininga, Itapeva, Jalles, Jaú, Limeira, Lins, Marília, Mogi das Cruzes, Ourinhos, Pindamonhangaba, Presidente Venceslau, São João da Boa Vista, Tupã e Votuporanga. As atividades agrícolas que cederam áreas foram, principalmente, pastagem natural e cultivada, café, algodão, arroz e milho.

No entanto, nesse mesmo período, a cultura cedeu área nas EDRs de Andradina, Araçatuba, Barretos, Bragança Paulista, Campinas, Catanduva, Dracena, Fernandópolis, Franca, General Salgado, Mogi-Mirim, Piracicaba, Presidente Prudente, Registro, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, São Paulo e Sorocaba. Orlândia foi o único EDR em que não foi mencionada a cultura da laranja. A redução da área cultivada nessas EDRs pode ser explicada pela adoção, na renovação de pomares, de espaçamentos mais adensados, liberando áreas que foram incorporadas pelas atividades como: cana-de-açúcar, pastagem cultivada e natural, banana, etc.

Esta reorganização da área cultivada com citros influenciou a instalação de viveiros em outras regiões, ou seja, os viveiros acompanharam a migração dos pomares.

Na época do levantamento de campo, quantificou-se 916 viveiros sendo que 49,1% estavam em funcionamento. Destes viveiros 75% eram a céu aberto e 25% eram telados. Do total de 180 visitados 4,5% recusaram-se a responder. O maior percentual de recusa ocorreu na região SP-SSO, fato que não ocorreu somente nos viveiros abertos, onde a pressão fitossanitária do setor governamental era maior, mas também nos grandes viveiros telados levando à ilação de que seus proprietários não tinham interesse em propiciar informações técnicas. No Triângulo Mineiro (MG) não houve recusa no preenchimento do questionário.

A maior incidência do quesito abandono de viveiros, da ordem de 5,8% do total se deu na região SP-NNO. No Triângulo Mineiro não foi encontrado nenhum

viveiro abandonado. Este quesito foi mais freqüente em viveiros a céu aberto. Embora o custo de formação da muda, nesta técnica, seja menos custosa, como apresentado anteriormente, ela requer investimento com insumos (porta-enxertos, produtos químicos, mão-de-obra). Abandonar o viveiro, muitas vezes, passava a ser menos oneroso, pois não se destinava nenhum recurso para eliminá-lo, como por exemplo o custo do trator e/ou de pessoa para arrancar as mudas e queimá-las. Para alguns viveiristas ainda, que não tinham o viveiro como principal fonte de renda, deixar o viveiro abandonado passou a ser uma forma de protesto frente a nova Portaria vigente no Estado.

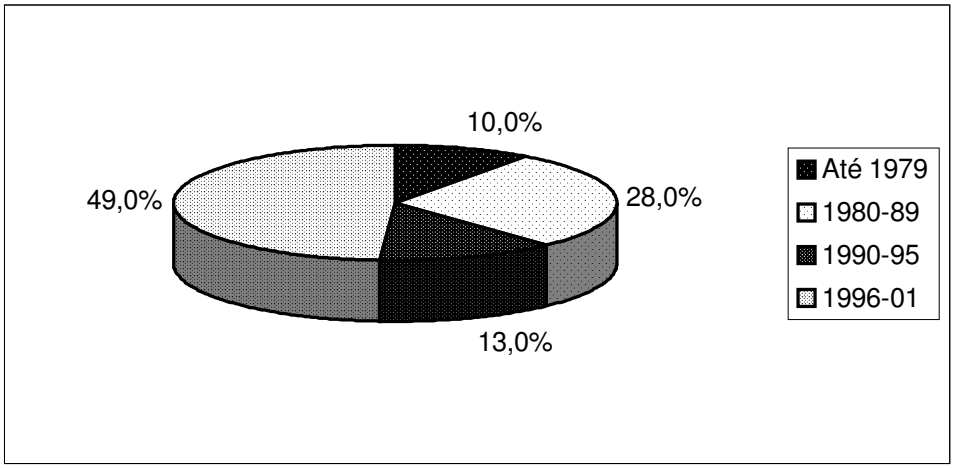
Quanto à erradicação de viveiros, calculada em 40,6% do total, a região onde se constatou o maior índice foi a SP-SSO com 48,3%. A causa principal dessa erradicação foi a ação da Agência de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo (ADAESP/SAA) em cumprimento às Portarias.CATI-7, de 10 de fevereiro de 1998 e CDSV-3, de 30 de agosto de 1999. Esta região além de possuir o maior número de viveiros a céu aberto, muitos produtores acreditavam que a Portaria iria ser revogada, dada a ação da associação que os representava e tinham esperança de comercializarem suas mudas.

Embora a ADAESP/SAA tenha atuado também na região SP-NNO, foram encontrados vários viveiros cujas mudas já haviam sido utilizadas para plantio pelo próprio produtor e, portanto, estavam desativados, fato também encontrado no Triângulo Mineiro (MG).

Contudo, não se vislumbrou nenhuma intenção política por parte governamental em atuar de forma diferenciada em qualquer uma das regiões analisadas.

A distribuição dos viveiros por época de instalação (Figura 2) possibilita uma visão da intensidade e de quando esse processo ocorreu. Note-se que é um setor sensível às mudanças em outros elos da cadeia produtiva de citros, em especial nos preços de laranja com correlação de 0,77 (ANEXO 4).

Figura 2: Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Evolução da Implantação de Viveiros de Citros Segundo o Período de Instalação 1979 – 2001



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

O primeiro período, caracterizou-se pela necessidade de rápido crescimento do número de mudas para plantio de novos pomares visando o suprimento de laranja às indústrias instaladas até o final da década de setenta, o que provocou a formação de viveiros. Observe-se que 10% do número atual de viveiros tem mais de 30 anos.

O segundo período (1980 a 1989) coincide com as geadas na Flórida (USA) e euforia na citricultura paulista. Já no período 1990 a 1995, ao se pronunciar uma retração econômica na citricultura brasileira, diante da conjuntura de mercado internacional de suco concentrado, passou a ser menos atrativa a instalação de pomares e por conseqüência de viveiros. O quarto período (1996 a 2001) caracteriza-se por nova e intensa implantação de viveiros (49%), principalmente no Estado de São Paulo devido a necessidade de renovação de pomares, pois os citricultores haviam se atrasado no plantio na primeira metade da década de noventa diante da incerteza provocada pela incidência da CVC e pelo excesso de produção gerando queda do preço da laranja no mercado.

Para analisar a instalação de viveiros nas regiões e no tempo foram elaborados dois cruzamento, o primeiro entre regiões (Tabela 1 e Figura 3) e o segundo por regiões (Tabela 2). Estes cruzamentos possibilitam visualizar que,

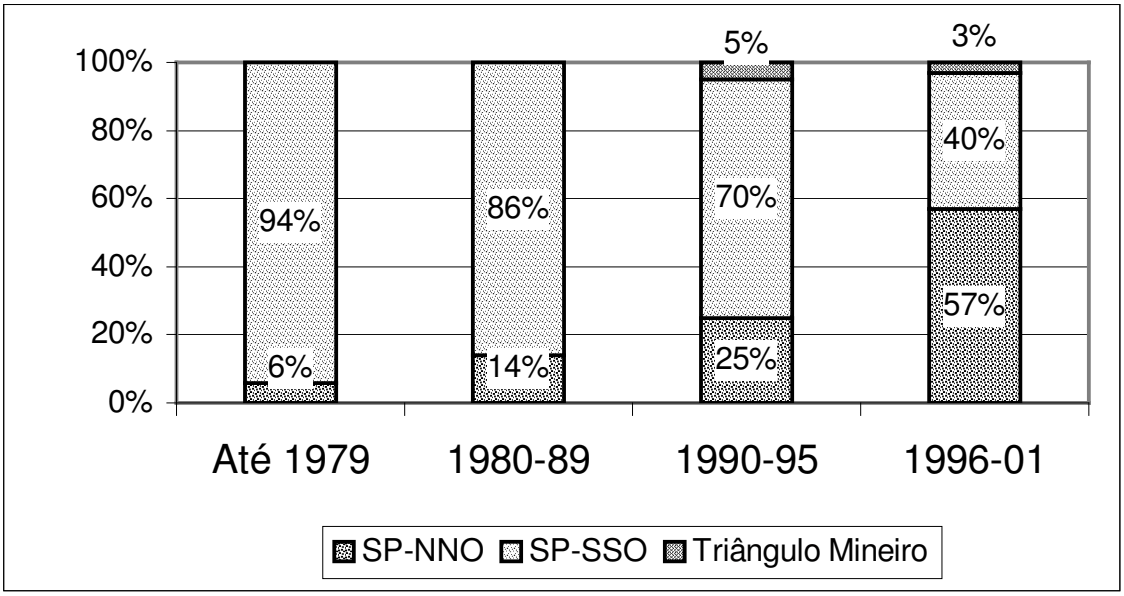
mesmo no período 1990-95, considerado crítico para a citricultura, 70% dos novos viveiros foram instalados na região SP-SSO, em municípios ao redor de Limeira, onde já havia uma tradição na produção de mudas e disponibilidade de mão-de-obra treinada.

Tabela 1 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Instalações de Viveiros de Citros nas Regiões em Diferentes Períodos 1979-2001

Região	Até 1979		1980-89		1990-95		1996-01		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
SP-NNO	4	6	29	14	23	25	202	57	258	36
SP-SSO	68	94	172	86	64	70	142	40	446	62
Triângulo Mineiro(MG)	-		-		4	5	9	3	13	2
Total	72	100	201	100	91	100	353	100	717	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Figura 3: Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Instalações de Viveiros de Citros nas Regiões em Diferentes Períodos 1979-2001



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Tabela 2 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Ano de Instalação de Viveiros por Região nos Diferentes Períodos 1979-2001

(em %)

Região	Até 1979	1980-89	1990-95	1996-01	Total
SPNNO	1,5	11,2	9,0	78,3	100,0
SP-SSO	15,3	38,6	14,3	31,8	100,0
Triângulo Mineiro (MG)	-	-	34,6	65,4	100,0

Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

A partir da segunda metade da década de noventa, a região SP-NNO assumiu a liderança na implantação de novos viveiros. A migração dos pomares para esta região, bem como a necessidade de renovação de antigos pomares (mais de 20 anos) na região de Barretos[20] contribuíram para tornar essa área um novo polo para formação de mudas. No período 1990-95, iniciou-se a instalação de viveiros no Triângulo Mineiro (MG).

Com a proibição da SAA, Portaria n° 3 de agosto de 1999, de não permitir a comercialização e o transporte de porta-enxertos e de mudas cítricas produzidas em viveiros a céu aberto em todo o Estado de São Paulo, observou-se grande interesse dos viveiristas paulistas em implantar viveiros no Estado de Minas Gerais (não só no Triângulo Mineiro), o que lhes permitiria ter acesso ao mercado de produtores paulistas. Isto tem resultado em trabalho árduo, tanto para o FUNDECITRUS quanto para a ADAESP/SAA de São Paulo em fiscalizar porta-enxertos ou mudas oriundos de Minas Gerais. A certeza desses produtores estava na garantia de venda de seus produtos. Em seus dizeres: *tem muito citricultor que não gosta de muda telada, ela é cara, demora p'ra pegar e não tem todas as variedades que os produtores necessitam.*

Outro Estado que também vem preocupando o setor citrícola paulista é o Paraná onde, a partir de 2001, a citricultura tem despontado como um novo "ouro verde". Localizada no noroeste, até a poucos anos considerada inadequada para essa lavoura por causa do mito da baixa fertilidade do solo arenoso e da ameaça

[20] Vale salientar que a Estação Experimental de Bebedouro muito tem contribuído para a instalação de novos viveiros na região.

do fantasma do cancro cítrico. Mas com tecnologia adequada e legislação específica, o Noroeste do Paraná tem quebrado o tabu[21]. Os pomares ocupam uma área de 7 mil hectares de uma região formada por cerca de 150 municípios, que totaliza 3,2 milhões de hectares (CruzeiroNet, 2002).

Desde o segundo semestre de 2001 o FUNDECITRUS com recursos financeiros privados e a CDA/SAA com verbas oficiais têm atuado em conjunto na divisa deste Estado com São Paulo. Das 20 estradas existentes ao longo da divisa, em nove já existia fiscalização permanente, em outras cinco teve início em dezembro de 2001 e a medida em que a varredura (fiscalização do FUNDECITRUS em pomares em busca de doenças, como o cancro cítrico) se aproxima da divisa dos Estados, novos postos de fiscalização passam a ser criados[22]. A meta é evitar que atravessem frutas e mudas clandestinas provenientes de pomares paranaenses. Para atravessar a divisa o transportador tem de apresentar a Guia de Permissão de Trânsito emitida pelo Estado de origem (FERRAZ JR, 2001).

Como era de se esperar, mais de 60% dos viveiros telados foram instalados depois da Portaria da SAA, ou seja, após 1998. A localização dos viveiros que anteriormente eram próximos aos pomares, com as novas normas e logística passaram a ser instalados próximo às rodovias e não muito distante de alguma cidade o que facilita o acesso dos trabalhadores, dos consumidores e o escoamento da produção de porta-enxertos (cavalinhos) e mudas.

---

[21] Em 2003 a perspectiva será de uma safra da ordem de 3,5 milhões de caixas de 40,8kg de laranja, a maior parte destinada a suco para exportação. Há três indústrias processadoras de suco em funcionamento na região do arenito: a Paraná Citrus e a Citri, ambas em Paranavaí, e a Corol, em Rolândia (CruzeiroNet, 2002).

[22] Os postos de fiscalização funcionam em Ourinhos, na BR 153 e na SP 278, que dão acesso a Jacarezinho (PR); em Fartura, na SP 287 e 249, com acesso à Carlópolis (PR) pela PR 151 e 218; em Florinha com acesso a Sertaneja (PR) pela PR 323 e 160; em Barão de Antonina, com acesso pela SP 281 a Salto do Itararé (PR) pela PR 151; em Itaporanga, com acesso pela SP 255 até Santana do Itararé (PR) pela PR 272 e 151; em Itararé através da SP 258 com acesso pela PR 239 até a Sengés (PR); e Barra do Turvo, pela BR 116 até Campina Grande do Sul (PR). Os novos postos de fiscalização estão localizados em Teodoro Sampaio até Jardim Olinda (PR) pela PR 464; em Estrela do Norte até Santo Inácio (PR) pela PR 464; em Taciba pela BR 170 até Porecatu (PR) com dois acessos, a Presidente Feijó pela SP 483 e a Paraguaçu Paulista pela SP 421; em Palmital pela SP 375 até Andirá (PR) pela PR 092 e em Salto Grande até Cambará (PR) pela PR 369. Nas cinco entradas onde não houver postos de fiscalização, unidades volantes farão o serviço.

A postura desses produtores é bem interessante. Há um verdadeiro mosaico. Existem aqueles que, embora não convictos do novo sistema de cultivo, fazem seu telado de forma rudimentar para permanecerem no setor e não sofrerem tanta pressão dos órgãos fiscalizadores, mas não abrem mão do viveiro aberto, aguardam o desenrolar da história. Se der certo ampliam e, se não "vingar", o gasto não foi tão grande e garantem sua clientela.

Há os que estão em transição, possuem viveiros bem instalados (telados), mas para terem um rendimento a mais, e conscientes da futura proibição, aumentaram as áreas de viveiro a céu aberto em suas propriedades ou até mesmo arrendaram terras para formar novas mudas, visando vendê-las até ao final de 2002. Este fato pode ser confirmado ao se observar que havia 65 instalações a céu aberto como segundo viveiro e as mudas tinham como característica serem do tipo fiscalizadas, ou seja, pouca exigência em sua produção.

Os viveiristas mais capitalizados possuem um segundo viveiro também telado, geralmente instalados em outra região visando atendimento de seu mercado potencial e produzem mudas na categoria de certificadas (Tabela 3).

Tabela 3 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Características do Segundo Empreendimento Viveirista
2001/02

	Número de Cavalinhos	Número de Mudas	Tipo de Viveiro		% em Terra		% do Tipo de Muda	
			Telado	Aberto	Própria	Arrendada	Fiscalizada	Certificada
SP-NNO	10.525.000	1.936.368	17	16	25	75	67	33
SP-SSO	2.752.500	3.220.802	6	49	82	18	98	2
Triângulo Mineiro (MG)	-	-	2	-	100	-	100	-
Total	13.277.500	5.157.170	25	65				

Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Alguns dos novos viveiros telados se originaram de empresas ou de grandes citricultores que não queriam se tornar reféns dos viveiristas como, também, disporem de mudas de qualidade e quantidade necessárias a seus

pomares. Este novo empreendimento levou a que muitos produtores vislumbrassem uma segunda fonte de renda.

Os novos viveiristas procuram se filiar à Associação Paulista de Viveiros Certificados de Citros[23] (Vivecitrus) para obterem alguma vantagem mas, ser membro desta Associação não é tão simples e muitos estavam tendo dificuldades para integrar-se. A alternativa encontrada foi fundar em 2002 uma outra associação com o nome de Associação Paulista de Produtores de Mudas Cítricas[24] (Citromudas) abrigando os viveiristas dissidentes e aqueles que não se alinhavam com as políticas da Vivecitrus. Outrossim, os viveiros de empresas, além de terem acesso às informações e às inovações tecnológicas não possuem problemas de mercado.

Quanto a ocupação do solo, tendo por base a amostra expandida, o total da área dos imóveis rurais onde se situavam viveiros em atividade, tanto no Estado de São Paulo quanto no Triângulo Mineiro (MG), era de 64,9 mil hectares e a área ocupada exclusivamente com a atividade viveirista era de 235,9 hectares, sendo 3,8 hectares no Triângulo Mineiro (MG) (10 viveiros a céu aberto e 3 viveiros telados), 47,8 hectares na região SP-NNO (188 viveiros a céu aberto e 70 viveiros telados) e 184,3 hectares na região SP-SSO (136 viveiros a céu aberto e 39 viveiros telados)[25]. Embora a região SP-NNO tivesse o maior número de viveiros, estes possuíam menor área e a produção das mudas a céu aberto destinava-se, em grande parte, para uso próprio como citricultores. O inverso ocorria na região SP-SSO, onde a concentração dos viveiros (a céu aberto e telado) estavam nos estratos acima de 5.000 plantas (Tabela A1.1) e a produção de mudas, majoritariamente, para fins comerciais. Implantar viveiro telado exige, além do

---

[23] Associação fundada em 15/10/1998 com o intuito inicial de trocas de informações técnicas. Era um momento de mudanças, novas regras para a produção de mudas estavam sendo lançadas, as técnicas eram pouco conhecidas e todo o manejo precisava ser rediscutido. Em março de 2001 esta associação contava com 12 membros que cultivavam mais de 2,5 milhões de mudas (VIVECITRUS, 2001).

[24] Associação fundada em 20/11/2002 com o objetivo de: fornecer mudas cítricas com alta qualidade genética e fitossanitária; atender em quantidade e variedade o mercado de mudas; favorecer seus associados com informações técnicas facilitando-lhes aproximação com entidades de pesquisa e formar parcerias comerciais. Constituída por 11 associados com capacidade de 1 milhão de mudas e 240 mil borbulhas. (Dados fornecidos pela entidade).

[25] Segundo FRANCISCO et al (1997) a média dos imóveis rurais para o Estado de São Paulo é de 72,17 ha.

conhecimento das técnicas e das normas legais de produção, volume considerável de capital que, nesse setor em sua maioria, é oriundo do próprio viveirista. Isso seria indicação da pequena proporção (ao redor de 30%) de viveiros telados nessas três regiões.

A produção total dos viveiros no ciclo de 2001/02 foi de 24,2 milhões de porta-enxertos sendo 3,9 milhões descartados por não possuírem boa formação, 7 milhões vendidos para outros viveiros, a grande maioria a céu aberto devido a proibição já em vigor de se formar porta-enxertos nesta técnica de produção e 12,1 milhões foram utilizados por eles próprios para a formação de mudas. A região SP-SSO, embora tivesse um número menor de viveiros, foi a mais produtiva no período com 13,5 milhões de porta-enxertos e a região SP-NNO a que proporcionalmente mais vendeu este insumo (Tabela 4). Entre os viveiros telados foram encontrados alguns que estavam se especializando na produção de cavalinhos.

Tabela 4 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Número de Porta-Enxerto (Cavalinhos) por Ciclo 2001/02

Região	Formados		Vendidos		Uso Próprio		Descarte	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
SP-NNO	6.489.387	26,7	3.874.000	54,8	1.583.779	13,1	1.119.608	28,2
SP-SSO	17.630.765	72,6	3.186.333	45,1	10.404.296	85,8	2.830.136	71,2
Triângulo Mineiro (MG)	162.700	0,7	7.000	0,1	132.925	1,1	22.775	0,6
Total Geral	24.282.852	100,0	7.067.333	100,0	12.121.000	100,0	3.972.519	100,0

Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Dos 15 milhões de mudas formadas, no ciclo 2001/02, 1,5 milhões foram eliminadas (10%), número menor quando se compara com o descarte dos porta-enxertos onde há uma seleção mais rigorosa (16%). Da produção total de 13,5 milhões de mudas, 2,4 milhões destinaram-se ao uso próprio. Os viveiros da região SP-SSO comercializaram 76,1% das mudas produzidas no período (Tabela 5).

Tabela 5 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Número de Mudas por Ciclo

2001/02

Região	Formados		Vendidos		Uso Próprio		Descarte	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
SP-NNO	4.238.905	28,1	2.604.218	23,6	1.135.046	46,1	496.365	31,4
SP-SSO	10.620.088	70,4	8.407.898	76,1	1.143.220	46,5	1.072.270	67,7
Triângulo Mineiro(MG)	229.925	1,5	35.575	0,3	182.950	7,4	13.900	0,9
Total geral	15.088.918	100,0	11.047.691	100,0	2.461.216	100,0	1.582.535	100,0

Fonte:Pesquisa de campo, 2001/02

A origem de 9,2 milhões de mudas foi na técnica de cultivo a céu aberto, sendo a região SP-SSO responsável por 7,3 milhões de mudas. Este número só não foi maior devido à rápida ação da ADAESP/SAA na eliminação de 40,6% dos viveiros na época de levantamento. As mudas produzidas em ambientes protegidos totalizaram 4,2 milhões, sendo 1,5 milhões utilizadas pelos próprios viveiristas que eram também citricultores e 2,7 milhões destinadas à comercialização (Tabela 6). Nota-se que nessa categoria de mudas a região SP-SSO com 39 viveiros telados produziu 2,1 milhões e a SP-NNO com 70 viveiros telados produziu 1,9 milhões. Estes dados sinalizam que a produção de mudas em ambiente protegido estava aquém das necessidades do mercado, em torno de 8 milhões a 12 milhões de mudas por ano, e que entre as regiões não havia grande diferença no número de mudas produzidas.

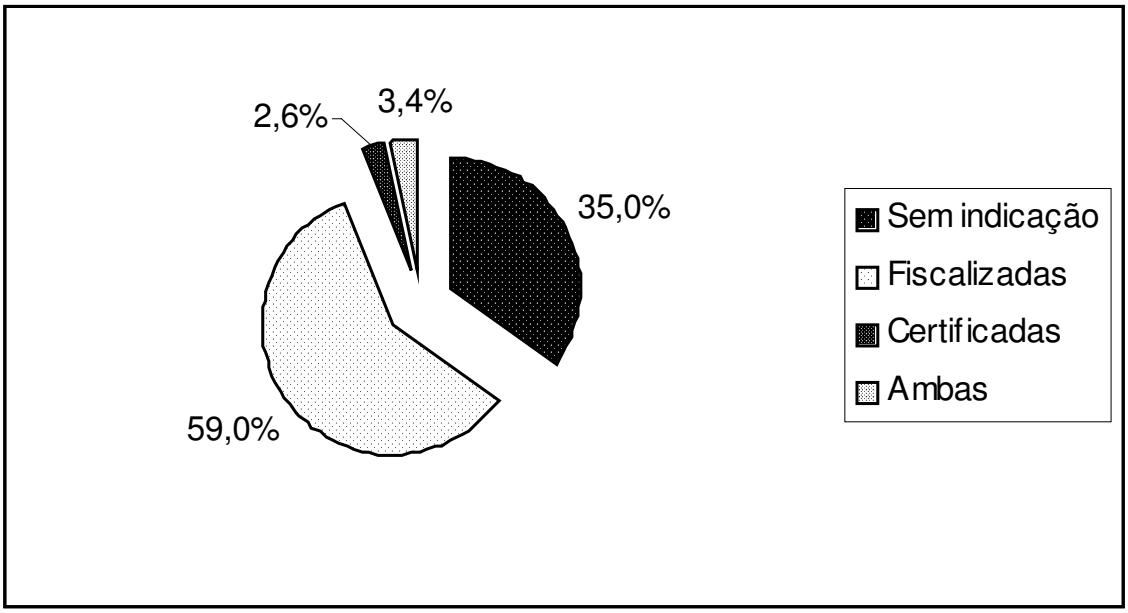
Tabela 6 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Número de Porta-Enxerto e de Muda nas Diferentes Técnicas de Produção.

2001/02

Viveiro Aberto								
Porta Enxerto					Mudas			
Tipo	SP-NNO	SP-SSO	Triângulo Mineiro (MG)	Total	SP-NNO	SP-SSO	Triângulo Mineiro (MG)	Total
Formado	972.958	8.671.098	32.500	9.676.556	2.108.911	8.190.922	59.925	10.359.758
Vendido	-	-	-	-	1.400.485	6.936.565	6.175	8.343.225
Uso próprio	782.779	7.408.463	29.925	8.221.167	403.317	452.000	52.950	908.267
Descarte	190.180	1.262.636	2.575	1.455.391	303.594	808.056	3.300	1.114.950
Viveiro Telado								
Porta Enxerto					Mudas			
Tipo	SP-NNO	SP-SSO	Triângulo Mineiro (MG)	Total	SP-NNO	SP-SSO	Triângulo Mineiro (MG)	Total
Formado	5.516.429	8.959.667	130.200	14.606.296	2.129.994	2.429.167	170.000	4.729.161
Vendido	3.874.000	3.186.333	7.000	7.067.333	1.203.733	1.471.333	29.400	2.704.466
Uso próprio	801.000	2.995.833	103.000	3.899.833	731.728	691.220	130.000	1.552.948
Descarte	929.429	1.567.500	20.200	2.517.129	192.771	264.213	10.600	467.584
Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02								

Por ter sido um período de transição (2001/02) na comercialização de mudas muitos citricultores, querendo adquirir diferentes variedades de citros e aproveitar o baixo preço da muda produzida a céu aberto, compraram mudas na categoria de fiscalizadas (59%) e mudas sem estarem enquadradas em nenhuma categoria (35%) (Figura 4). Se por um lado, estas mudas poderão dar ou não problemas no futuro, por outro lado esta era a última oportunidade dos citricultores menos capitalizados de formarem ou renovarem seus pomares a um custo menor.

Figura 4: Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Categoria das Mudas Comercializadas pelos Viveiros de Citros
2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Na época do levantamento de campo 70% dos viveiristas e 21% de seus sócios também eram citricultores, os quais totalizavam 2.538,9 mil pés com até 3 anos e 22.757,8 mil pés em produção. Entre as regiões, os viveiristas que detinham o maior número de plantas era SP-SSO com 1.536,4 mil pés com até 3 anos e 11.889.7 mil pés em produção. No entanto, foi no SP-NNO onde se encontrou o maior número de viveiristas e sócios citricultores (260 pessoas).

A grande maioria dos viveiros estavam instalados em terras próprias e somente 25% dos produtores de mudas arrendaram terras para este fim. Foi na região SP-SSO onde os produtores mais arrendaram terras para instalar viveiros (42%). Os que adotaram este sistema eram, em geral, viveiristas que produziam a céu aberto. Pequena parcela dos viveiristas possuíam mais que um viveiro (13,7%).

Na maior parte dos viveiros (71%) a administração é feita somente pelo proprietário mostrando-se nesse caso mais intensa entre os viveiros a céu aberto. Os viveiros que são explorados em sociedade possuem no mínimo mais de 1 e no máximo 5 sócios, com a média em torno de 2 por viveiro, essa sociedades eram,

principalmente, com parentes (filhos, irmãos, cunhados, genros e primos). A sociedade entre amigos foi de 11%. Foi na região SP-SSO onde se encontrou a maior incidência de viveiros em sociedade, sendo freqüentemente oriundas de heranças de antigos viveiristas.

3.1 – A Consolidação de uma Nova Classe no Setor Citrícola

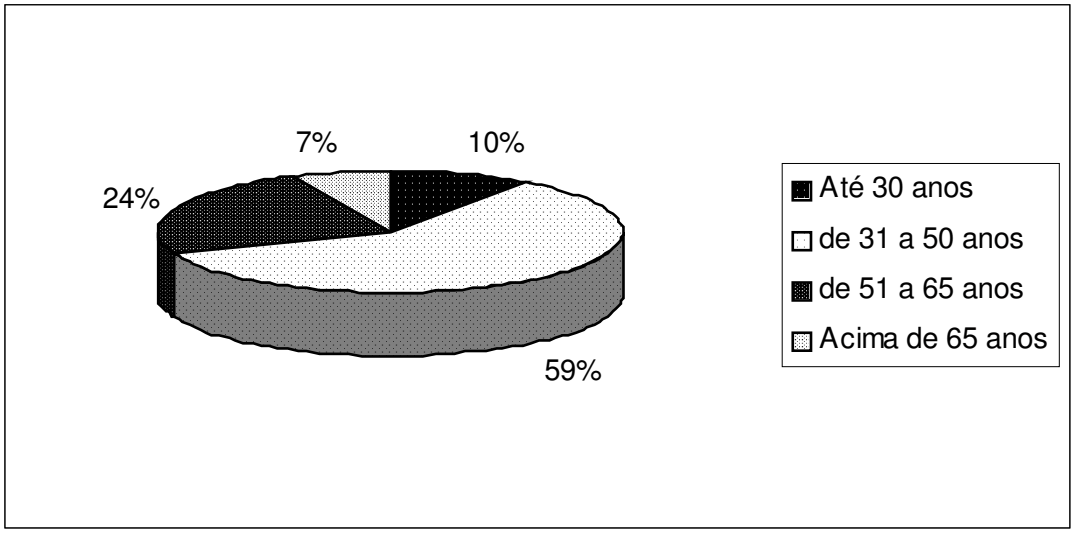
As mudanças estruturais estão em voga neste elo da cadeia citrícola, não só no cultivo, mas também na postura dos produtores. Toda e qualquer mudança requer tempo para ser absorvida por uma determinada classe, como também, "aqueles que têm mais experiência às vezes são os mais duros na aceitação das novidades" (SANTOS, 1996, p.7). Alguns quesitos são necessários para se avaliar a dinâmica de aceitação como: faixa etária e grau de instrução.

Para análise da idade dos viveiristas foram definidas quatro faixas etárias: pessoas com até 30 anos de idade; aqueles de 31 a 50 anos; os de 51 a 65 anos e os acima de 65 anos. Tendo por base essas faixas etárias, as informações estão apresentadas por produtores com viveiros telados, a céu aberto e por regiões.

No informe geral 69% dos viveiristas possuem menos de 50 anos de idade (Figura 5). Nas faixas etárias de viveiristas por sistema de produção há uma maior participação dos produtores de viveiros telados com menos de 50 anos (81,2%). Tais dados indicam que este elo da cadeia produtiva citrícola, dada a proibição de viveiro a céu aberto, será composto, majoritariamente, de pessoas jovens, geralmente mais receptivas à mudanças (Tabelas 7)

Figura 5 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Faixa Etária dos Viveiristas

2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Tabela 7 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Faixa Etária de Viveirista por Sistema de Produção

2001/02

(em %)

Sistema de Produção	Até 30 Anos	De 31 a 50 Anos	de 51 a 65 Anos	Mais de 65 Anos	Total
Telado	13,0	68,2	12,6	6,2	100,0
A Céu Aberto	9,3	56,5	27,0	7,2	100,0

Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Na região do Triângulo Mineiro não se encontrou viveiristas acima de 65 anos de idade. Por faixas etárias, os viveiristas com menos de 50 anos são mais representativos na região SP-SSO (71,4%), enquanto nas outras regiões esse informe ficou ao redor de 60%. Entre faixas etárias há uma proporcionalidade nas regiões. Na região SP-NNO a proporção de viveiristas acima de 65 anos é maior (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Faixa Etária de Viveirista, Por Região
2001/02
(em %)

Região	Até 30 Anos	de 31 a 50 Anos	de 51 a 65 Anos	Mais de 65 Anos	Total
SP-NNO	9,0	58,2	23,8	9,0	100,0
SP-SSO	11,1	60,3	23,5	5,1	100,0
Triângulo Mineiro (MG)	13,0	50,0	37,0	-	100,0

Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Tabela 9 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Faixa Etária de Viveirista, Entre Regiões
2001/02
(em %)

Região	Até 30 Anos	de 31 a 50 Anos	de 51 a 65 Anos	Mais de 65 Anos
SP-NNO	47,0	51,0	52,0	67,0
SP-SSO	50,0	47,0	45,0	33,0
Triângulo Mineiro (MG)	3,0	2,0	3,0	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

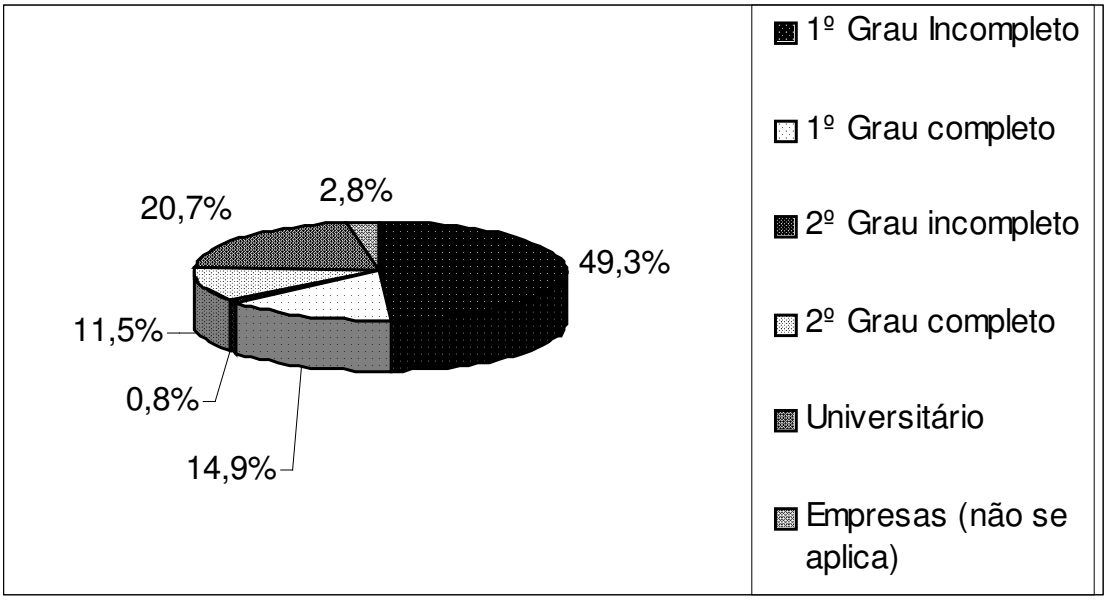
Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Quanto ao nível educacional, não foi registrado nenhum viveirista analfabeto; 20,7% tinham nível universitário[26] e, destes, 43,2% eram agrônomos. Estes informes sugerem que as modificações que estão sendo implantadas atualmente no setor terão grande chance de absorção e de persistência no tempo (Figura 6).

[26] Foi constatado que 6,6% dos pais dos viveiristas também tinham nível universitário.

Figura 6 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Grau de Instrução do Viveirista

2001/02

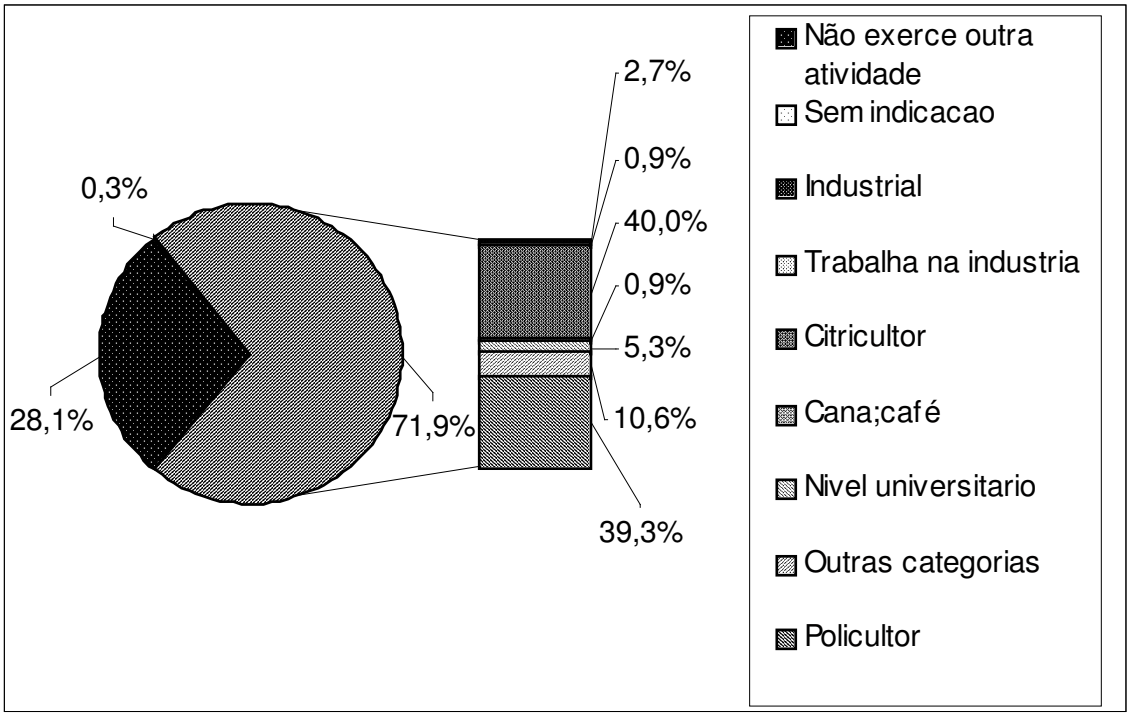


Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Além de administrar o viveiro, 71,9% dos viveiristas exerciam outra atividade, sendo as mais citadas a de citricultor, policultor, consultor, pessoas ligadas a indústria e profissional independente (Figura 7). Interessante foi observar que 31% dos pais dos viveiristas também eram produtores de mudas e os que exerciam outra atividade eram, na maioria, monocultor (cana ou café), pequeno produtor, colhedor ou diarista no meio rural (Figura 8).

Figura 7 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Viveirista Exerce Outra Atividade

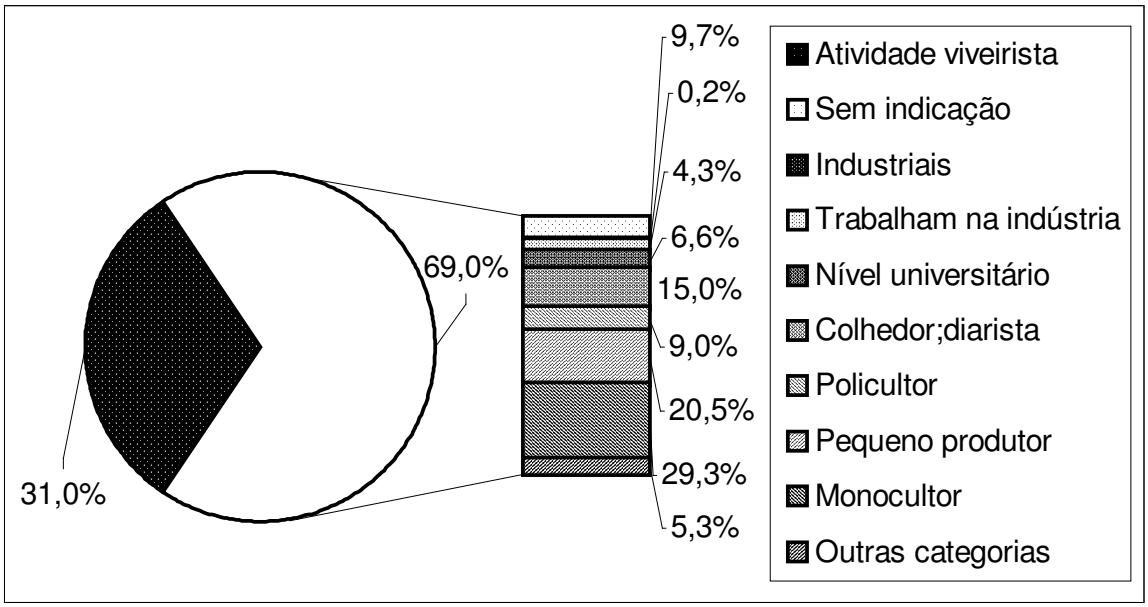
2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Figura 8 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Perfil dos Pais dos Viveiristas

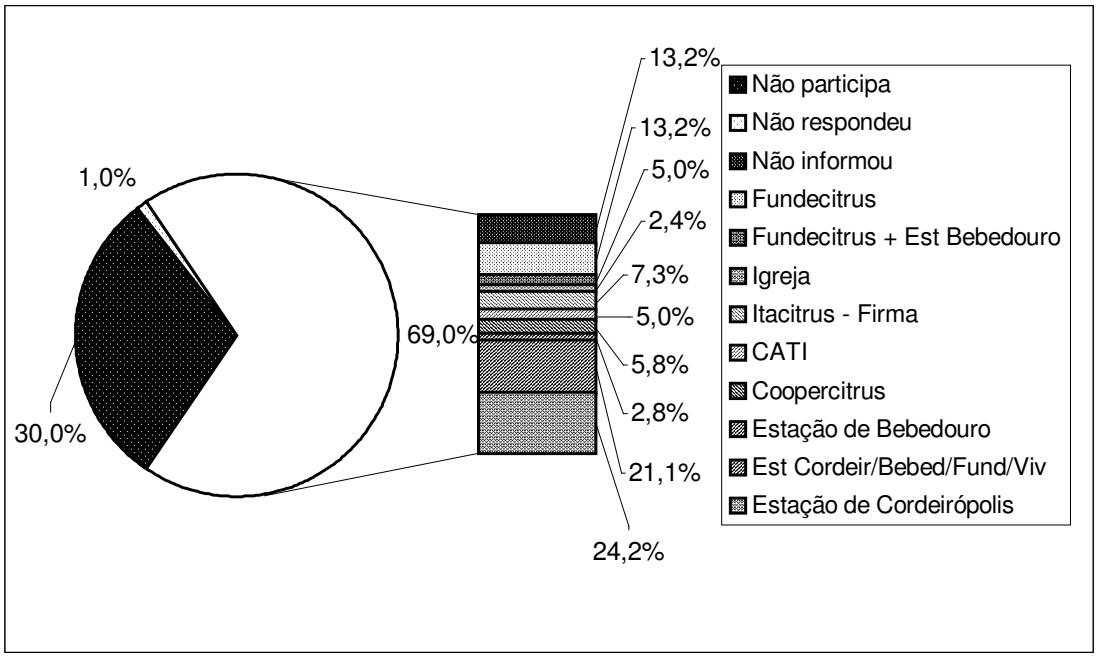
2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Os viveiristas e demais agentes integrantes da cadeia produtiva de citros historicamente são muito receptivos a pesquisas, eventos e treinamentos que lhes são oferecidos, o que lhes propicia diferenciarem-se em qualidade e competitividade tanto no mercado nacional quanto internacional[27]. Anualmente são realizadas reuniões técnicas e treinamentos nas diversas áreas de conhecimento e a participação dos viveiristas e dos agentes envolvidos neste elo da cadeia, especificamente, é alta. Das três regiões levantadas, acima de 60% dos viveiristas freqüentam regularmente reuniões técnicas, sendo as principais as de Cordeirópolis e de Bebedouro no Estado de São Paulo. A presença de viveiristas e pesquisadores de outros Estados, bem como, de outros países se faz comum nas reuniões (Figura 9).

Figura 9 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Participação dos Viveiristas em Reuniões Técnicas
2001/02

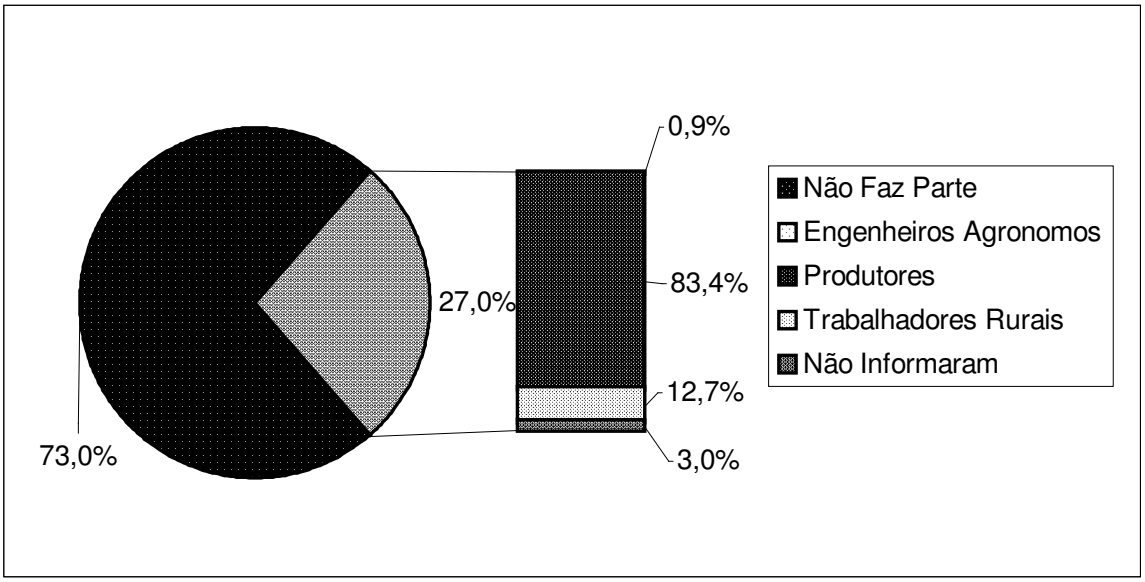


Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

[27] Entre os dias 21 e 25 de abril de 2003, um grupo de viveiristas e pesquisadores da Flórida estiveram no Brasil para conhecerem as técnicas empregadas na produção de mudas citricas. O grupo ficou impressionado com a tecnologia nacional, como também, nas medidas destinadas para garantir a sanidade das mudas, como a obrigatoriedade de produção em ambientes protegidos (Vivecitrus, 2003a). São freqüentes as visitas e estágios de pesquisadores, estudantes e produtores de outros países (Espanha, Austrália, Itália, etc) nos órgãos de pesquisas e nos eventos brasileiros.

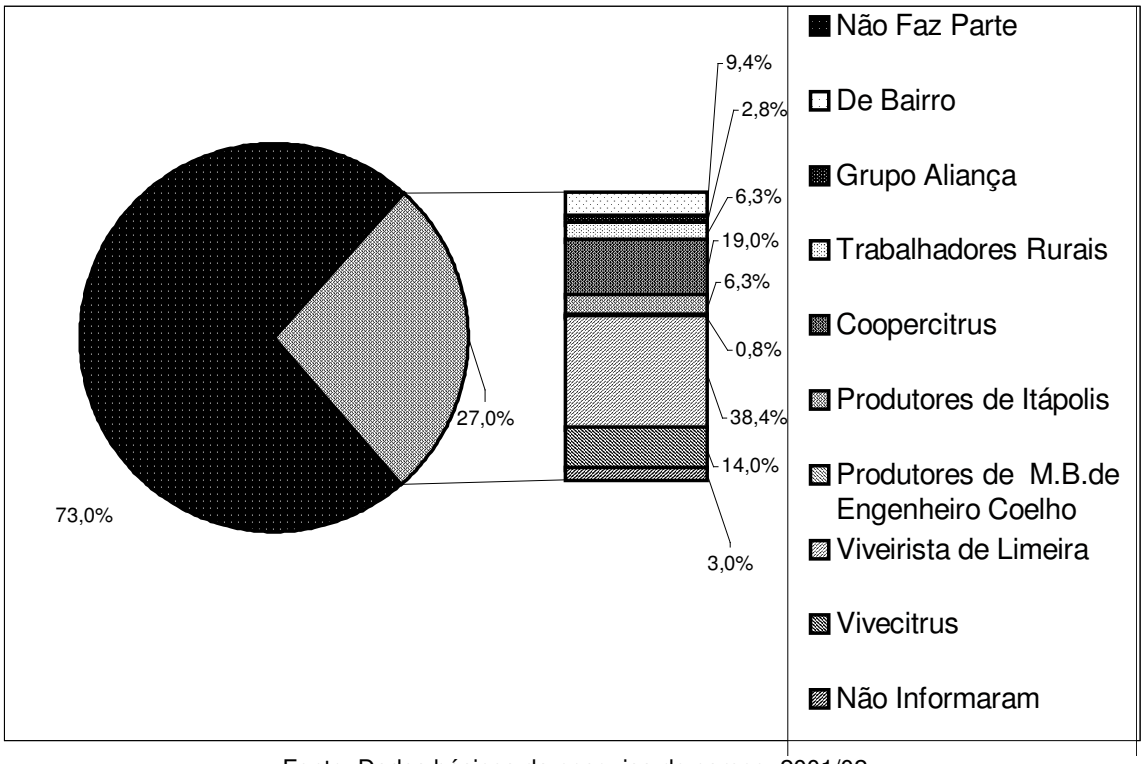
A proporção de viveiristas pertencentes a algum sindicato e alguma associação foi de 27%. Deste total, o Triângulo Mineiro contribuiu com 42% de viveiristas sendo estes, em sua maioria, produtores a céu aberto. No Estado de São Paulo não se observou diferença, nem entre regiões, nem entre sistemas de produção, somando 58% dos viveiristas. Observa-se nas Figuras 10 e 11 que os indivíduos são os mesmos, ou seja, os que responderam serem sindicalizados também pertenciam a alguma associação, pois são pessoas que participam regularmente de eventos, residem em regiões, comparativamente, mais desenvolvidas do Estado, tanto na estrutura das cidades, quanto nas culturas predominantes (cana-de-açúcar, laranja) e suas agroindústrias de bom nível tecnológico e econômico. Esperava-se que esse conjunto de fatores devesse resultar em maior grau de conscientização da importância dos sindicatos como de estar participando de alguma associação.

Figura 10 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Participação do Viveirista em Sindicato
2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Figura 11 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Participação do Viveirista em Associação
2001/02



Fonte: Dados básicos da pesquisa de campo, 2001/02

A entidade sindical mais citada pelos viveiristas foi a dos produtores rurais (83,4%). Esta entidade, por sua vez, aglutina produtores com muitas diferenças como: tipo de cultivo, área do imóvel, padrões sócio-econômicos, ou seja, produtores com interesses divergentes e por vezes até mesmo conflitantes, daí ser uma estrutura pouco sólida que leva a debilidade interna do sindicato enquanto unidade de ação. Nas associações, ao contrário dos sindicatos, há uma maior coerência de interesses e estão mais aderentes à realidade vividas pelos seus associados. No entanto o que se pode observar no setor viveirista, em particular nos viveiros telados, foi a existência, e até mesmo, o surgimento de várias associações possuindo a mesma linha de atuação. Neste caso, a pluralidade é política e econômica. A questão política não está ligada ao interesse maior quanto a articulação deste elo frente aos demais que compõem a cadeia

produtiva de citros, mas sim, no interesse pessoal (*status*) dos presidentes e de seus membros. No âmbito econômico, cada associação tem buscado diferenciar-se com o intuito de oferecer aos citricultores vantagens em preço, em variedade e qualidade das mudas. Se a curto prazo isto beneficia os grupos, a longo prazo tal postura pode levar a fragilidade dessas associações. Quando havia uma única associação dos viveiristas telados, esta atuou de maneira decisiva junto ao Estado na proibição de se produzir mudas a céu aberto.

O interesse desta proibição era, para o Estado, a sanidade das mudas e, por conseqüência, a dos pomares. Para a associação, além da questão sanitária, estava em pauta o interesse econômico (preço da muda, quantidade de mudas disponíveis no mercado, etc), como também, a consolidação de uma nova classe no setor citrícola, a dos viveiristas.